

Epidemia de cólera mata 280 pessoas em Tete

por B. Carlos, nosso correspondente

N. 4/5/93

Cinco mil e noventa e seis casos positivos de cólera foram registados entre os meses de Agosto do ano passado e Março do corrente, na província de Tete, tendo provocado 280 óbitos. A epidemiologista do hospital provincial local, Dr^a Maria Nelra, que deu estas informações ao "Notícias", fez saber ainda que a epidemia tende a diminuir mercê dos esforços empreendidos pelas entidades sanitárias naquela região.

"Não queremos dizer que a epidemia de cólera foi combatida na província de Tete, mas sim temos a esperança que tudo está a ser feito para a sua eliminação, ou melhor, que está a desaparecer, pois durante o mês de Março não tivemos nenhum caso positivo no Hospital Provincial de Tete e nem nos distritos onde esta epidemia tinha assolado" — disse.

Aquela especialista em Medicina adiantou que a maior parte dos distritos onde a epidemia tinha assolado com gravidade está desde o passado mês de Fevereiro sem nenhum índice de casos positivos.

A província de Tete sofreu em simultâneo uma outra epidemia conhecida por desinteria, que consiste em diarreia com sangue, que se

alastrou mais na cidade de Tete e nos distritos ao sul e centro da província.

Falando sobre esta doença, aquela epidemiologista do Hospital Provincial de Tete disse que foram registados 412 casos que originaram um óbito.

A fonte fez um alerta às entidades do Governo em Tete para a criação de condições visando a eliminação urgente dos focos que transmitem a cólera, pois caso nada seja feito, principalmente no programa de saneamento do meio e tratamento de água potável, a epidemia poderá eclodir novamente.

Neste momento, a província de Tete está assolada com a epidemia de malária, que está a provocar uma subida considerável da mortalidade no hospital local, principalmente nas crianças.

Ainda sobre a saúde naquela província, a nossa Reportagem soube através do chefe do Banco de Sangue no hospital local que aqueles serviços estão paralisados devido à falta de sacos de colheita de sangue.

Esta situação arrasta-se desde os princípios do mês em curso.

Venâncio Alexandre, chefe daquele sector, disse ao "Notícias" que a província não dispõe de sacos de colheita de sangue, pois estes acabaram e foi já feita uma comunicação ao Ministério da Saúde, em Maputo, e este apenas disse que no país não existe este material.

"Estamos muito aflitos e estamos confrontados com uma situação que leva à morte de pessoas por falta de sangue, mesmo que os familiares

possam fazer a transfusão" — disse.

O nosso entrevistado disse ainda que está sendo efectuada uma campanha de recolha de sacos vazios nos distritos de Cahora-Bassa e Moatize onde apenas foram conseguidos, até este momento, dez sacos o que é bastante insignificante para atender o Hospital Provincial de Tete.

CÓLERA PROVOCOU MAIS DE 100 ÓBITOS EM INHAMBANE

Entretanto, o surto de cólera que assolou Inhambane, uma das duas províncias mais devastadas pela seca na região sul de Moçambique, provocou mais de 100 óbitos no ano passado, segundo refere um relatório da Comissão Provincial de Emergência, apresentado aquando da visita do Primeiro-Ministro Mário Machungo, em Março do ano em curso, escreve a AIM. O referido relatório indica terem sido registados no sul daquela província 7 816 casos ao longo do ano de 1992, tendo provocado 109 óbitos.

O documento faz um balanço das actividades levadas a cabo no âmbito do programa de emergência desde a assinatura dos acordos de paz para Moçambique em Outubro de 1992, até Março do corrente ano.

Para o combate à cólera, segundo o documento, intervieram estruturas da Saúde a nível central, provincial e local, nomeadamente nas acções de saneamento do meio ambiente e reordenamento das populações.

Sobre a campanha agrícola 92/93, salienta que ela "é promissora", não obstante algumas "irregularidades" das chuvas, ocorridas entre Setembro e meados de Novembro.

Foi igualmente registado um período preocupante de seca entre Janeiro e Fevereiro, tendo afectado o rendimento nas culturas, embora não se tenha perdido na totalidade.

A seca que nos três últimos anos devastou não só Moçambique mas também os restantes países da África Austral afectou severamente, para além de Inhambane, as províncias de Tete (Noroeste), Gaza (Sul), Manica e Sofala no centro do país.

Nos últimos meses do ano passado e princípios do corrente, as perspectivas agrícolas melhoraram após terem começado a cair as primeiras chuvas.

Contudo, a escassez pluviométrica agravou o estado de pobreza do grosso da população moçambicana, calculada actualmente em cerca de 16 milhões de habitantes.

Devido à estiagem, o número de pessoas necessitando de bens alimentares subiu assustadoramente de 1,8 milhão, em Dezembro de 1991, para 3,1 milhões no ano seguinte.

A falta de chuvas provocou também um êxodo massivo da população na procura de locais ainda húmidos para a produção agrícola ou que pudessem proporcionar uma solução alternativa ao problema alimentar.

As zonas costeiras e os corredores como o da Beira, no Centro, e o do Limpopo, no Sul, não escaparam à "invasão".

A sobrecarga humana criou problemas graves, bem como doenças, uma vez que o auxílio era pouco para atender atempadamente toda a população carente e Inhambane não foi excepção.

Segundo as autoridades locais, o processo migratório originou que o número das pessoas a assistir presentemente seja cerca de 402 740 contra as 245 709 socorridas em 1991.

A situação mostrou-se (e ainda se mostra) bastante crítica, com dificuldades em todas as zonas da província, especialmente nos distritos do interior aonde se verificam altos níveis de sofrimento no seio das populações.